

FILOSOFIA COMO SISTEMA A-CENTRADO: CONSIDERAÇÕES DE GILLES DELEUZE E FÉLIX GUATTARI SOBRE O HOMEM DOS LOBOS

Rafael Leopoldo¹

RESUMO

O presente artigo visa caracterizar dois tipos de filosofia: uma como sistema centrado e outra proposta por Gilles Deleuze e Félix Guattari como sistema a-centrado. Depois de uma aproximação destas duas formas de pensamento, voltamo-nos para a psicanálise. Ante a psicanálise, tomamos o exemplo de um caso de Sigmund Freud chamado O Homem dos Lobos. Com o caso d'O Homem dos Lobos exemplificamos um sistema centrado. Um contraexemplo ao sistema centrado é, também, apresentado por Deleuze e Guattari com a sua crítica direcionada a Sigmund Freud.

Palavras-chave: Complexo de Édipo; Rizoma; Homem dos Lobos.

¹ Mestre em Psicologia pela Universidade Federal de Juiz de Fora (UFJF). Pós-graduação pela Faculdade Latino-Americana de Ciências Sociais (FLACSO). Graduação em Filosofia pela Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais (PUC-MG).

**PHILOSOPHY AS A-CENTERED SYSTEM:
GILLES DELEUZE AND FÉLIX GUATTARI'S REMARKS ON THE WOLF MAN**

ABSTRACT

This paper aims to characterize two types of philosophy: one as a centered system and another, proposed by Gilles Deleuze and Félix Guattari, as an a-centered system. After an approximation of these two ways of thinking, we turn to psychoanalysis. In the face of psychoanalysis we take the example of a case of Sigmund Freud: the so-called The Wolf Man. Through the case of The Wolf Man, we exemplify a centered system. We can also see a counter-example of a centered system with Deleuze and Guattari's criticism toward Sigmund Freud.

Keywords: *Oedipus Complex; Rhizome; Wolf Man.*

INTRODUÇÃO

O presente texto visa caracterizar dois tipos de filosofia: uma clássica, com o seu sistema centrado e representativo; e uma proposta por Gilles Deleuze e Félix Guattari como a-centrada, ou, dito de outra forma, como um sistema aberto. Para isso, adentramos a crítica dos autores ao platonismo como filosofia representativa, tendo em vista um comentário de Roberto Machado feito no seu livro “Deleuze, a Arte e a Filosofia” (2010) e o livro de Gilles Deleuze “Lógica do Sentido” (2011), onde podemos compreender a importância da leitura que o filósofo faz do platonismo, afirmando, com isto, uma filosofia da diferença.

Em contraponto a uma filosofia centrada e representativa, recorreremos não somente à obra “Lógica do Sentido” (2011), mas também ao livro de Deleuze e Guattari “Mil Platôs” (2011a), sobretudo à sua introdução ao seu primeiro platô, que diz respeito ao conceito de rizoma. Ademais, voltamo-nos a outras fontes para entendermos como este conceito se apresenta como não tendo uma relação somente com a filosofia, mas também com diversos outros campos e, mais amplamente, propondo uma visão de mundo intensiva. Trata-se de procurar as paixões alegres em contraponto à paixões tristes, ou seja, potencializar a vida.

Como uma forma de exemplificação de um conhecimento centrado, tomamos como exemplo a psicanálise e o caso de Sigmund Freud “O Homem dos Lobos”. Este caso de Freud é alvo de uma crítica deleuzo-guattariana no livro “O Anti-Édipo: Capitalismo e Esquizofrenia” (2010), e também no platô “1914 – Um só ou vários lobos?” (DELEUZE & GUATTARI, 2011a). É diante destas críticas que podemos ver como o conceito de rizoma pode interpelar outras áreas, como ele é uma ferramenta, ou ainda, uma máquina que se acopla a outro elemento. O último aspecto deste texto são alguns apontamentos finais a respeito da importância de um saber rizomático.

A exemplificação do conhecimento centrado, tendo a psicanálise como exemplo, se torna forçosa por dois motivos. O primeiro é que o platô “Introdução: Rizoma” e o platô “1914 – um só ou vários lobos?” estão interligados, já que perpassam aspectos de um saber a-centrado e aspectos de um centramento, tendo em vista o caso de O Homem dos Lobos. Lembremos, além disso, que a data “1914” se refere ao texto de Freud. O segundo motivo é a própria interseção dos filósofos com a psicanálise. Esta interseção (que é também uma abertura para uma filosofia da psicanálise) toma diversas formas na

obra deleuziana, como, também, nos escritos de Guattari (SANCHES, 2013; LEOPOLDO, 2015). Assim sendo, com o exemplo da psicanálise abordamos um aspecto importante da filosofia dos autores.

FILOSOFIA COMO SISTEMA CENTRADO E REPRESENTATIVO

O livro “Deleuze, a Arte e a Filosofia”, de Roberto Machado (2010), tem um capítulo chamado “O nascimento da representação”, que, entre outros assuntos, trata da interpretação de Deleuze a respeito da filosofia platônica. É esta interpretação deleuziana de Platão que nos é interessante, porque caracteriza a filosofia platônica como centrada, como um sistema representativo. Este sistema representativo avizinha-se de outros conceitos, como as noções de sistema fechado, de metafísica ou de “filosofia arborescente” (aquela que tem uma raiz, que é profunda e fundacionista). O que existe de semelhante nestes termos é a ideia de que a *diferença* é submetida a uma *identidade*. Assim, já podemos salientar que a crítica feita à representação perpassa toda a obra deleuziana e a crítica à psicanálise toma diversas formas, desde uma maior aproximação, nos seus primeiros escritos, a uma forte crítica com o primeiro tomo de “O Anti-Édipo (2010)”, e uma tentativa de adeus à psicanálise ortodoxa no livro “Mil Platôs” (2011a).

Fazendo uma análise do pensamento platônico, Deleuze, em “Lógica do Sentido” (2011) vai ver uma primazia do mundo das Ideias, que seria o mundo real, em relação ao mundo sensível. Este é o conhecido “dualismo platônico”, mundo inteligível e mundo sensível, sendo que o primeiro é hipervalorizado. Esta dualidade primeira, Deleuze vai chamar de distinção manifesta. Contudo, na leitura que Deleuze faz da obra de Platão, ele quer salientar outra distinção, que é a latente, entre uma boa e uma má cópia (simulacro). Trata-se, desta forma, de compreender a “reversão do platonismo” proposta por Friedrich Nietzsche e é, exatamente, a má cópia, o simulacro, que poderia reverter o platonismo. Assim, Deleuze pode afirmar que:

Os simulacros são como os falsos pretendentes, construídos a partir de dissimilitude, implicando uma perversão, um desvio essenciais. É neste sentido que Platão divide em dois os domínios das imagens-ídolos: de um lado, as cópias-ícones, de outro os simulacros-fantasmas. Podemos então definir melhor o conjunto de motivação platônica: trata-se de selecionar os pretendentes, distinguindo as boas e as más cópias ou antes as cópias sempre bem fundadas e os simulacros sempre submersos na dessemelhança. Trata-se

de assegurar o triunfo das cópias sobre os simulacros, de recalcar os simulacros, de mantê-los encadeados no fundo, de impedi-los de subir à superfície e de se “insinuar” por toda parte (DELEUZE, 2009, p. 262).

É esta distinção que Deleuze compreende ser importante, pois o filósofo entende o simulacro como diferença que não é recalçada pela Ideia, pelas Formas platônicas. Tem-se o mundo das Ideias, o mundo sensível, as cópias, mas também os simulacros, que seriam as más cópias. É neste momento que Deleuze exalta o simulacro como máquina dionisíaca, potência. A subversão do platonismo está em elevar cada coisa ao estado de simulacro e não a uma Ideia no mundo das Formas; cada coisa se afirmar como diferença e não com relação a uma identidade ideal. Se, para Platão, há uma reprodução do que está dado e uma seleção das boas e más cópias, Deleuze quer ver as diferenças puras, insólitas, não uma representação. Não se trata de decalcar imagens (colocar o já-dado como estrutura), mas de ver o diferente em suas singularidades (o seu próprio poder de devir), suas individuações² intensivas, que Veronica Damasco (2007) chama de “potências vitais em germe”.

É esta a filosofia representativa que estamos chamando de centrada, uma tentativa de sempre buscar a identidade, a semelhança, a analogia, buscar estes dados, em detrimento da diferença. Deleuze, em “Diferença e Repetição” (2000), coloca alguns elementos que definem a representação:

a identidade no conceito, a oposição na determinação do conceito, a analogia no juízo, a semelhança no objeto. A identidade do conceito qualquer constitui a forma do Mesmo na reconhecimento. A determinação do conceito implica a comparação dos predicados possíveis com os seus opostos, numa dupla série regressiva e progressiva, percorrida, de um lado, pela lembrança e, de outro, por uma imaginação que tem o objeto de reencontrar, recriar (reprodução memorial-imaginativa). A analogia incide sobre os mais elevados conceitos determináveis ou sobre as relações dos conceitos determinados com o seu objeto respectivo e apela para a potência de repartição do juízo. Quanto ao objeto do conceito, em si mesmo ou em relação com outros objetos, ele remete à semelhança como ao requisito de uma continuidade na percepção (DELEUZE, 2000, p. 238).

Tem-se uma gama de pontos que poderiam se desdobrar, mas estes elementos que Deleuze nos apresenta sobre a representação nos são importantes, porque reafirmam a

² O desenvolvimento de uma filosofia da individuação leva em conta o problema de dizer quando se produz um indivíduo, um animal etc., ou seja, a questão é sobre a gênese de um indivíduo, mas também, sobre a gênese de qualquer fenômeno. Desta forma, a ideia de subjetivação não tem relação necessária com o sujeito, mas sim, com determinadas intensidades que qualifica a diferença e o campo de individuação.

identidade no conceito, a determinação do conceito, a analogia no juízo e a semelhança no objeto. Com relação ao primeiro ponto poderíamos remontar, novamente, a Platão e a todo o desenvolvimento do mundo das Ideias como uma forma de reconhecimento.

No geral, trata-se de uma filosofia arbórea, porque tem as suas raízes profundas e os seus desejos metafísicos de *arqué* (a procura de um único princípio) e *telos* (a procura de um fim último). Trata-se do pensamento preenchido por imagens de si mesmo, sempre a identidade, a analogia, a semelhança, a reconhecimento do mesmo. É importante ressaltar que não somente a filosofia pode ter um pensamento representativo, centrado, mas também estas mesmas características podem ser vistas em vários outros saberes, como a matemática, a psicologia, a linguística, a arte, a psicanálise etc. O pensamento filosófico, que, por sua vez, se contrapõe a este pensar centrado, é uma filosofia entendida como imanente, materialista, rizomática e também a-centrada, um sistema aberto que pode perpassar, ademais, outras formas de conhecimento. São duas formas de experimentar os saberes.

FILOSOFIA RIZOMÁTICA OU A-CENTRADA

Gilles Deleuze e Félix Guattari nos apresentam o conceito de rizoma no livro “Mil Platôs” (2011a), no primeiro texto chamado “Introdução: rizoma”. O que nos interessa mais neste livro é a definição que ele nos mostra desse termo e, igualmente, o contraponto que ele faz de uma filosofia arborescente, com relação a uma filosofia rizomática, que seria uma filosofia a-centrada. Contudo, primeiro convém dizer o que é o rizoma, antes de ser um conceito filosófico. Gregório Baremlitt afirma que:

Rizoma é um vegetal de tipo tubérculo, que cresce subterrâneo, mas muito próximo à superfície, e que se compõe essencialmente como uma raiz horizontal. Esta raiz é estranhíssima porque, quando o exemplar alcança grandes proporções (um jornal informava que nos Estados Unidos encontraram um de vários quilômetros de extensão), é difícil saber quais são seus limites externos; quer dizer, não há separação entre “uma planta” que constitui essa rede e outro que também a integre, um “tronco” fundador e os ramos e galhos nos quais se estendeu. Entretanto, no seu interior, o complexo, digamos, radicular ou reticular, está composto por células que não têm membranas, e que só podem ser supostas como unidades porque têm núcleos ao redor dos quais se distribuem partículas de trocas metabólicas e áreas energéticas. Então, pelo menos no sentido tradicional, o rizoma não tem limites internos que o compartimentalizem. Aquilo que circula nesse interior flui em “toda e qualquer” direção, sem obstáculos morfológicamente materiais, nem forças que o impeçam. É difícil imaginar um melhor exemplo de multiplicidade (BAREMLITT, 2010, pp. 43-44).

Na definição biológica do que é um rizoma, há uma perspectiva de uma multiplicidade, que vai ser importante para Deleuze e Guattari. Estes apresentam o conceito de rizoma nos levantando ao problema dos livros, que perpassa três momentos: 1) o entendimento do livro como um agenciamento (associações de elementos dispersos); 2) a classificação do livro como raiz, que é também o livro-árvore; 3) e livro rizoma, a grama, no qual a raiz abortou. Neste momento, há dois tipos de livros, o que diz o Uno e o que diz o Múltiplo, o arborescente e o rizomático.

O primeiro aspecto a ser salientado é que o livro, para os autores, funciona como um agenciamento. Um agenciamento associa e cria aproximações entre elementos mais ou menos heterogêneos, zonas de aproximação e de afastamento. Deleuze e Guattari definem de forma mais categórica o agenciamento no livro “Kafka: Por uma Literatura Menor” (2014). Neste texto, este conceito é relacionado ao agenciamento maquínico do desejo (o desejo que perpassa a máquina técnica e social) e ao agenciamento coletivo de enunciação (a enunciação que não é a de um sujeito, mas sim coletiva), mas também a pontos de desterritorialização³, ou seja, linhas de fuga⁴ em que o próprio agenciamento pode fazer fugir, – trata-se do furo no cano por onde a água poderia seguir outro caminho, uma nova ligação entre os elementos heterógenos (deformação e/ou metamorfose). Com relação aos livros, os autores escrevem:

Num livro, como em qualquer coisa, há linhas de articulação ou segmentaridade, estratos, territorialidades, mas também linhas de fuga, movimentos de desterritorialização e desestratificação. As velocidades comparadas de escoamento, conforme estas linhas, acarretam fenômenos de retardamento relativo, de viscosidade ou, ao contrário, de precipitação e de ruptura. Tudo isto, as linhas e as velocidades mensuráveis, constitui um agenciamento. (...). Considerado como agenciamento, ele está somente com

³ A temática do território perpassa uma tetravalência: 1) territorialização; 2) re-territorialização; 3) e desterritorialização. Zourabichvili (2004) salienta que há uma sofisticação teórica destes termos d’O Anti-Édipo ao Mil Platôs. N’O Anti-Édipo, o tema é relacionado mais à antropologia (primitivos, selvagens e civilizados) e no Mil Platôs o tema é relacionado com a música e se conecta com o conceito de ritornelo. Porém, de forma geral, pode-se salientar que o território é mais existencial que geográfico, onde há uma apropriação (também uma codificação). A re-territorialização diz respeito a um território por vir. Aqui salientamos a desterritorialização como viver numa linha de fuga.

⁴ O tema das linhas é importante na obra de Deleuze e Guattari e ganha uma consistência no livro “Diálogos” (1998) e no “Mil Platôs” (2011b). Os filósofos trabalham com a ideia de três linhas: 1) linhas duras; 2) linhas flexíveis; e 3) linhas de fuga. A esquizoanálise, a micropolítica, a rizomática, a cartografia seriam estudos destas linhas em grupos ou indivíduos. Nas primeiras linhas, poderíamos lembrar dos ambientes fechados (disciplinares) de Michel Foucault, o indivíduo indo da família para a escola, da escola para a fábrica, da fábrica ao exército etc.; trata-se de ambientes duros. A segunda linha é a flexível, com seu estatuto mais ambíguo entre as linhas duras e as de fuga. A última linha, as de fuga, diz respeito à desterritorialização, a um fugir ativo com todos os riscos de uma fuga.

conexão com outros agenciamentos, em relação com outros corpos sem órgãos (DELEUZE & GUATTARI, 2011a, p. 18).

O livro, então, se transforma em máquina literária, máquina de guerrilha, máquina amorosa, máquina revolucionária etc. É viável ver que essas máquinas se interligam, e com quais livros elas conectam, para um determinado funcionamento. Mediante esta concepção dos livros como máquinas é que os autores nos levam às árvores e aos rizomas. Com relação ao primeiro tipo de livro, eles citam a linguística (a crítica, na maioria das vezes, é com relação a Noam Chomsky) como uma forma de exemplificação deste pensamento:

Mas o livro como realidade espiritual, a *Árvore* ou *Raiz* como imagem, não para de desenvolver a lei do Uno que devém dois, depois dois que devém quatro... A lógica binária é a realidade espiritual de *árvore-raiz*. Até uma disciplina “avançada” como a Linguística retém como imagem de base esta *árvore-raiz*, que liga à reflexão clássica (assim Chomsky e a *árvore sintagmática*, começando num ponto S para proceder por dicotomia). Isto quer dizer que este pensamento nunca compreendeu a multiplicidade: ele necessita de uma forte unidade principal, unidade que é suposta para chegar a duas, segundo um método espiritual (DELEUZE & GUATTARI, 2011a, p.18. *Itálico nosso*).

Estas são algumas características que envolvem o primeiro tipo de livro, o arborescente – ele tem uma necessidade de voltar-se ao Uno, nele não existe a compreensão do múltiplo. O segundo tipo de livro é aquele em que a raiz principal está morta e então, voltamo-nos para a ideia da grama, das conexões e da multiplicidade⁵. No âmbito da literatura, os filósofos citam James Joyce como aquele que quebra efetivamente a unidade da língua. No caso da filosofia, é citado Friedrich Nietzsche e seus aforismos como quebra de uma unidade linear.

Contudo, na apresentação do rizoma para a viabilização do múltiplo, os autores nos dão mais elementos, mais características aproximativas do rizoma, e estas características nos apresentam mais subsídios para pensar este conceito. São enumerados seis princípios: princípio de conexão e de heterogeneidade, princípio de multiplicidade, princípio de ruptura assignificante, princípio de cartografia e de decalcomania. Com relação aos dois primeiros princípios, os autores escrevem sobre a linguística. Noam Chomsky representaria o contrário de um conhecimento rizomático.

⁵ O conceito de multiplicidade dá a possibilidade de não se pensar somente em termos de Um e Múltiplo, mas sim, de pensarmos a multiplicidade como elementos que são compreendidos como relações recíprocas e não de oposição.

Nele há um ponto S, um marcador sintático (regras e formas para a constituição das frases) do qual o pensamento vai se derivando. Uma reflexão rizomática, com relação à linguística, parte para o que é heterogêneo e para suas conexões possíveis. O agenciamento de enunciação vai se relacionar com agenciamentos maquínicos. A ideia rizomática é conectar estes enunciados a cadeias semióticas, organizações de poder, às artes, às ciências etc., porque, desta forma, faz-se o rizoma e não há apenas um eixo ou uma estrutura explicativa. O terceiro princípio, chamado de multiplicidade, se relaciona com a desterritorialização, linhas abstratas e linhas de fuga (a fuga com Deleuze e Guattari ganha um caráter não somente passivo, como também ativo) segundo a qual elas mudam de natureza quando conectada a outras. O quarto princípio refere-se à ruptura assignificante, na qual um rizoma pode ser rompido e conectado a outro lugar qualquer; é ver dentro do território suas linhas de desterritorialização, suas linhas de fuga. Porém, o risco desta linha de fuga é a reestratificação, formação de poder significante, atribuições que reconstituem o sujeito. Assim, a desterritorialização é também explosão do heterogêneo, relaciona-se ao devir e à circulação de intensidades assignificantes. O quinto e o sexto ponto dizem respeito à cartografia e à decalcomania, que é outra forma de saber rizomático e saber representativo. O decalque ainda está no âmbito das árvores, pois o decalque reproduz ao infinito. Deleuze e Guattari qualificam o decalque como “lógica da árvore”, “folhas da árvore”, “eixo genético”, “estrutura profunda”, para reafirmar o modelo representativo. Em contraponto, tem-se a cartografia e os mapas; e, para os autores, “ele [o mapa] faz parte do rizoma. O mapa é aberto, é conectável em todas as suas dimensões, desmontável, reversível, suscetível de receber modificações constantemente” (Deleuze & Guattari, 2011a, p.30). Em contraponto ao mapa-rizoma, os autores citam o monótono (monótono pois repete sempre o mesmo) decalque com a linguística (Chomsky) e a psicanálise (Sigmund Freud, Melanie Klein e Lacan). Os autores escrevem que:

Vejam a Psicanálise e a Linguística: uma só tirou decalques ou fotos do inconsciente, a outra, decalques ou fotos da linguagem, com todas as traições que isto supõe (não é de espantar que a Psicanálise tenha ligado sua sorte à da Linguística). Vejam o que acontece já ao pequeno Hans em pura Psicanálise de criança: não se parou nunca de lhe QUEBRAR O RIZOMA, de lhe MANCHAR SEU MAPA, de colocá-lo no bom lugar, de lhe bloquear qualquer saída, até que ele deseje sua própria vergonha (DELEUZE & GUATTARI, 2011a, p. 32).

Deleuze e Guattari usam a ideia de conhecimento centrado e de conhecimento acentrado para fazer suas críticas a Sigmund Freud. A citação trata do conhecido caso do Pequeno Hans. Contudo, vamos analisar o platô “1914 – Um só ou vários lobos? ”, no qual ambos os autores recorrem ao caso do Homem dos Lobos para fazer uma crítica aos sistemas fechados, com seu pivô e eixo genético – com seu Édipo agora visto como um tirano, como é salientado na parte mais antropológica de “O Anti-Édipo” (2010).

A PRIMAZIA EDIPIANA NA PSICANÁLISE: O HOMEM DOS LOBOS

No platô “1914 – Um só ou vários lobos?” (DELEUZE & GUATTARI, 2011a) critica-se a psicanálise por ela se estruturar em torno de um pivô, um eixo genético, uma raiz, que seria o complexo de Édipo. Este eixo, por sua vez, seria um decalque, uma foto repetida e monótona, que achataria o desejo. Tai eixo impediria a fala do paciente, posto que tudo estaria posto e explicado antes da própria fala. Freud também não teria entendido, segundo Deleuze e Guattari, o devir-lobo⁶ do seu paciente célebre apelidado de “homem dos lobos”, uma vez que o seu desejo fora sobrecodificado⁷, atando-o, criando barreiras a suas máquinas desejantes. Outro ponto importante salientado por Deleuze e Guattari é a não compreensão de Freud a respeito do que é uma multidão, uma matilha, a multiplicidade; ou ainda, a não compreensão de que o inconsciente é rizomático, é multiplicidade. Desta forma, na interpretação freudiana, a matilha de lobos se transformaria em apenas um lobo, que, por sua vez, representaria a figura paterna (pivô edipiano). Os filósofos propõem uma análise deste caso, que vai além do eixo genético do complexo de Édipo, não reduzindo, assim, os lobos à estrutura edipiana. Para os autores, trata-se de fazer um estudo por meio das linhas.

O caso do Homem dos Lobos foi inicialmente publicado por Freud com o título “História de uma Neurose Infantil” (FREUD, 2010). Neste livro, Freud apresenta fragmentos da análise de um jovem russo, Serguei Pankejeff, que ficou conhecido na

⁶ Freud é conhecido por fragmentar/descentralizar o indivíduo (o que não se divide) cartesiano, mas, poderíamos dizer que Deleuze e Guattari vão “esquizofrenizar” o indivíduo freudiano. Daí que o conceito de devir se torna importante, pois o sujeito não é somente sujeito extensivo (mulher, homem, pai, mãe etc.) mas, também, intensivo permeado por devires, por fluxos de desejo. No caso do pequeno Hans há um devir-animal, um devir-lobo.

⁷ A noção de código e sobrecodificação em Deleuze e Guattari é bem ampla, porém neste momento é usada como uma codificação em segundo grau. Trata-se de sobrepor a demanda de um sujeito com a maquinaria da psicanálise, ou seja, antes de ouvi-los atá-los a estruturas pré-existentes.

história do movimento psicanalítico pelo codinome *Homem dos Lobos*. A análise com Freud se iniciou quando Serguei Pankejeff tinha 22 anos; estava com a saúde frágil e apresentava uma grande dependência de outras pessoas. Freud nos diz que a sua neurose adulta fora precedida de uma neurose infantil. Na origem desta neurose, estava o fato de o Homem dos Lobos ter visto (ou fantasiado) uma suposta cena primária, em que seus pais mantinham relações sexuais na posição de um *coitus a tergo*, ou *coitus more ferarum*. Algum tempo depois de ver essa cena, a criança teve um sonho angustiante com os lobos. Em seguida, passou a ter fobias de vários animais, que variava entre o medo de ser atacado e o sadismo de machucá-los. Da fobia, passou a apresentar devoção religiosa, também relacionada com aquela neurose da infância. Para Freud, ela teria o seu eixo genético no complexo de Édipo. Em cada um destes três momentos, Freud recorre à figura do pai, como uma forma explicativa. Na primeira explicação, com relação ao sonho, Freud faz uma extensa análise do sonho de Serguei. Cito, aqui, uma parte na qual o autor já relaciona o sonho com a figura paterna:

Já ouvimos antes que no seu período de angústia a irmã tinha o costume de apavorá-lo com a imagem do livro de fadas em que um lobo era mostrado erguido, com um pé à frente, as garras à mostra e as orelhas alertas. Durante o tratamento ele não se poupou o trabalho de esquadrihar sebos de livros até encontrar o volume de histórias de sua infância, e reconheceu sua imagem apavorante numa ilustração “Lobo e os sete cabritinhos”. Achou que a posição do lobo nesta ilustração podia lhe ter lembrado a do pai na cena primária construída (FREUD, 2010, pp. 54-55).

Com relação às fobias, Freud inclui a figura do pai. No sonho, o medo dos lobos também é o medo com relação ao pai. Na adolescência, um dos seus professores se chamava Wolf (lobo), o que também provocou medo no jovem Serguei. Não é necessário dizer que o professor tem o contorno paterno (como nos mostra os conceitos de identificação e de transferência da psicanálise). Em relação ao último ponto, o da devoção religiosa de Serguei (ele pensou que fosse Cristo), Freud também propôs esta associação com o pai, porque Deus também teria características paternas. O ódio a Deus, como também o amor, remontariam à figura do pai. Sigmund Freud vai mostrando-nos os contornos que os sonhos, as fantasias, as neuroses de Serguei vão adquirindo em cada fase da sua vida. Contudo, ele volta ao seu pivô edipiano e é este pivô que Deleuze e Guattari vão criticar, nos mostrando a lógica freudiana como a de um sujeito de um conhecimento centrado, que sempre recorre a uma raiz. A respeito deste platô, Gregório Baremlitt (2010) escreve: “o inconsciente é reafirmado como

sendo ‘um conjunto de n elementos cuja nota em comum é não ter nada em comum’ (ou seja, nada em comum entre si segundo a especificidade de uma disciplina, por exemplo, os componentes estruturais edipianos)” (BAREMBLITT, 2010, p.141). Neste ponto, Baremblytt enfatiza a impossibilidade de o inconsciente ser atado ao complexo de Édipo.



Desenho feito por Serguei Pankejeff – o Homem dos lobos. Museu Freud, Londres.

A crítica a Freud proposta por Deleuze e Guattari vai no sentido de apontar o reducionismo presente em sua interpretação, em recorrer sempre ao que Baremblytt chamou de “componentes estruturais edipianos”. Todavia, este reducionismo é consequência de um desconforto com a multiplicidade. Os filósofos têm uma provocante colocação a este respeito:

(...) o Homem dos Lobos conta que sonhou com seis ou sete lobos em cima de uma árvore e desenhou apenas cinco. Quem ignora que os lobos andam em matilha? Ninguém, exceto Freud. O que qualquer criança sabe, Freud não sabe. Freud pergunta com um falso escrúpulo: como explicar que haja cinco, seis ou sete lobos no sonho? Posto que ele decidiu tratar-se de neurose, Freud

emprega então outro procedimento: não mais subjunção verbal a nível da representação de coisas. O resultado é o mesmo, pois trata-se sempre de retornar à unidade, à identidade da pessoa ou do objeto supostamente perdido. Eis que os lobos deverão purgar-se da sua multiplicidade.(...) Os lobos não tinham qualquer chance de se salvar, de salvar sua matilha: decidiu-se que desde o início que os animais podiam servir apenas para representar um coito entre os pais, ou, ao contrário, para serem representados por um tal coito (DELEUZE & GUATTARI, 2011a, pp. 53-54).

Aqui, revemos a recriminação dos filósofos ao procedimento freudiano, no qual há o pivô, os componentes estruturais antepostos, desta forma, no caso de Freud, segundo Deleuze e Guattari, impossibilitando-o de ver a multiplicidade. No lugar que havia multidão, Freud conseguia ver somente uma pessoa.

A tentativa dos filósofos é o inverso da freudiana: não recorrer a um eixo genético explicativo da multiplicidade, mas ver a multiplicidade como multiplicidade, ou seja, como uma dimensão ontológica do próprio ser. Enquanto não se leva em conta esta possível multiplicidade, o Homem dos Lobos, na perspectiva de Deleuze e Guattari (2011a), estaria com a boca tampada, pois,

nunca o Homem dos Lobos poderá falar. Ele pode falar o que quiser dos lobos, gritar como um lobo, Freud nem escuta, olha o seu cão e responde ‘é papai’. Enquanto isto dura, Freud diz que se trata de neurose, quando a coisa quebra, é psicose (DELEUZE & GUATTARI, 2011a, pp. 51-52).

Freud conhecia somente o animal edipianizado, os animais familiares (os cães), mas não os animais que estão em grupo, as matilhas (os lobos). Para Freud, a relação com o lobo é uma relação com o pai, mas não o devir-lobo no sujeito e sua relação com o social. Para Deleuze e Guattari o social tem uma grande importância. O social, para os autores, não é fechado num microcosmo familiar, mas sim, se abre ao aberto do mundo. Não existiria propriamente o triângulo edipiano, porque ele estaria sempre aberto à sociedade. O familismo parece explodir para o social, já que há sempre

um tio da América, um irmão que se deu mal, uma tia que fugiu com um militar, um primo desempregado, falido ou arruinado, um avô anarquista, uma avó louca ou extremamente alquebrada, interna num hospital (DELEUZE & GUATTARI, 2010, pp. 134).

Desta forma, a produção desejante investe na produção social. Esta relação da produção desejante com a produção social não perpassa somente a obra “O Anti-Édipo” (2010), mas já se encontrava em uma obra monográfica bem anterior de Deleuze, chamada

“Empirismo e Subjetividade: Ensaio sobre a Natureza Humana segundo Hume” (2012).

No início desta obra, encontra-se, por exemplo, a seguinte formulação:

Na história, essa coerência do passional e do social se revela enfim como uma unidade interna: a história tem por objetivo a organização política e a instituição estuda as conexões motivo-ação no máximo de circunstância dadas, manifesta a uniformidade das paixões do homem (DELEUZE, 2012, pp. 9-10).

Como contraponto ao pensamento freudiano, que mantém aquele centramento e seus eixos genéticos, os filósofos propõem um saber rizomático, que envolva também a psicanálise. Desta forma, há outros conceitos para entendermos o que é o caso do Homem dos Lobos do ponto de vista da multiplicidade. A suposição deleuzo-guattariana é que o inconsciente é uma multiplicidade; a própria multiplicidade forma o inconsciente. O inconsciente é rizoma. Em contraponto, o inconsciente freudiano é personológico, triangulado no papai, mamãe e eu. Para Deleuze e Guattari, a problemática agora iria dizer respeito ao povoamento no inconsciente (no caso do Homem dos Lobos, as matilhas que estão naquele inconsciente). Os autores passam a trabalhar com duas ideias principais: 1) a de que, no caso do Homem dos Lobos, há um sonho esquizofrênico; e 2) a de o *esquizo* não ter um pai ou uma mãe, mas multiplicidades interligadas, intensidades em um *corpo sem órgãos* (que é compreendido como uma superfície de registro de uma produção de desejo); ele está em relação profunda com agenciamentos que, por sua vez, são produtores (reprodutores) de enunciados:

Cada um de nós é envolvido num tal agenciamento, reproduz o enunciado quando acredita falar em seu nome, ou antes fala em seu nome quando produz o enunciado. Como estes enunciados são estranhos, verdadeiros discursos de loucos. Dizíamos Kafka, poderíamos dizer da mesma forma o Homem dos Lobos: uma máquina religiosa militar que Freud assimila à neurose obsessiva – uma máquina anal de matilha ou de devir-lobo, e também vespa ou borboleta que Freud assimila ao caráter histérico(...). Na verdade Freud não vê nada e nada compreende. Ele não tem qualquer ideia do que seja um agenciamento libidinal com todas as maquinarias postas em jogo, todos os amores múltiplos (DELEUZE & GUATTARI, 2011a, pp. 64-65).

Os autores nos falam de máquina religiosa militar, máquina anal de matilha, devir-lobo, e ainda, para relacionar com o social, Deleuze e Guattari apontam que, em um sonho do Homem dos Lobos, os lobos são os Bolcheviques, a massa revolucionária que confiscara a sua fortuna. Freud não teria entendido a relação da máquina desejante

com a máquina social, da relação do sujeito libidinal com a agitação das massas. Assim, os autores podem escrever: “Ele [Freud] não tem qualquer ideia do que seja um agenciamento libidinal com todas as maquinarias postas em jogo, todos os amores múltiplos” (DELEUZE & GUATTARI, 2011a, p. 65).

Podemos ver, na nossa última explanação a respeito do rizoma e também sobre os agenciamentos, como estes conceitos são ampliados. Não se trata somente de uma distinção entre uma filosofia centrada e uma a-centrada, mas esta perspectiva vai para outras formas de saber, além de disciplinas específicas. Tem-se, então, a esquizoanálise, que nos fala dos processos de subjetivação, sobre esses agenciamentos múltiplos. Aqui, levamos em conta alguns pontos do rizoma, tal qual ele aparece no livro “Mil Platôs” (2011b), mas podemos regressar ao primeiro volume do nosso díptico, “O Anti-Édipo: Capitalismo e Esquizofrenia” (2010), e então pensarmos o rizoma como a síntese conectiva produtiva com a sua lógica do “e... e ...e ...e...”, uma lógica que nos remete a diversas conexões, possibilidades de agenciamentos, objetos parciais, lógica da bricolagem.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A distinção entre uma filosofia centrada e a-centrada tem um lugar especial na filosofia deleuzo-guattariana, posto que este a-centramento é característico de um saber rizomático que, por sua vez, vai se expandindo e não se limitando ao conhecimento filosófico. Por este saber rizomático não se limitar à disciplina filosófica, foi abordada a crítica de Deleuze e Guattari ao clássico caso clínico psicanalítico “O Homem dos Lobos”, cuja interpretação de Freud conduziria a um conhecimento centrado, que tem pivôs, um decalque, um eixo genético reprodutível ao infinito, uma estrutura sobrecodificante.

Como foi exposto no artigo, um saber rizomático nega este decalque, porque é por meio do rizoma que o desejo se move, ao passo que, no decalque, encontram-se barreiras. Ainda a respeito da crítica deleuzo-guattariana ao caso do Homem dos Lobos, afirmou-se o caráter reducionista da interpretação de Freud (a estruturação edipiana), em contraposição ao devir-lobo como um emaranhamento da multidão, ou seja, uma compreensão do múltiplo. Outro elemento importante foi o fato de que o sujeito não

vive somente em um microcosmo, mas em abertura constante para o macrocosmo. Deleuze e Guattari (2010) afirmam em “O Anti-Édipo” (2010) que “todo delírio tem um conteúdo histórico-mundial” (p.123). É como se o familiar fosse atravessado por tudo (e tudo é político). No caso do Homem dos Lobos, se trataria, principalmente, da questão da maquinaria russa.

Deleuze e Guattari nos incitam a reconhecer estes elementos, estas formas de saber centrado e a-centrado. A forma pela qual podemos entrar no jogo filosófico é via “roubo” (DELEUZE & PARNET, 1998). Mas se trata aqui de um roubo criativo (diferente do plágio do trapaceiro), onde o que é apropriado é transformado: roubar um conceito e transformá-lo em outro, roubo à Bob Dylan que poetiza ser um ladrão de pensamentos.

Gregório Baremlitt nos dá sua medida do pensamento deleuzo-guattariano, chamando-o de uma leitura de mundo. Baremlitt afirma:

Pode-se dizer que tais ideias sejam, segundo uma velha fórmula, uma concepção do mundo. Eu não gostaria de dizer isso na presença de algum guattariano ou deleuziano assumido, porque seguramente não estaria de acordo. Uma concepção do mundo é uma série de ideias, de crenças, de convicções acerca de como o mundo é e de como devemos nos comportar nele. E esta obra de Deleuze e Guattari, embora esteja feita com signos, pois está escrita com palavras, não é uma representação ideológica. Não é um pensamento discursivo, mas segundo a própria definição deles, é uma máquina fundamentalmente energética e intensiva, destinada a vibrar e fazer vibrar aqueles que dela se aproxima, a engajá-los em um movimento revolucionário produtivo, que não passa exatamente pelas ideais nem palavras, mas pelos afetos, por afetar e ser afetado (BAREMLITT, 2010, p. 15).

Uma concepção do mundo; contudo, também uma máquina energética e intensiva. Estas características são interessantes no pensamento deleuzo-guattariano, pois diz muito como os filósofos nos afetam e como eles nos incitam a nos envolvermos com os outros filósofos, com outros saberes e com a vida, por meio de um a-centramento, de um entendimento rizomático e de intensidades.

REFERÊNCIAS

- BAREMBLITT, Gregório. **Introdução à esquizoanálise**. 3ed. Belo Horizonte, 2010.
- DAMASCO, Veronica. Notas sobre individuação intensiva em Simondon e Deleuze. In: **O que nos faz pensar**. n. 21. 2007.
- DELEUZE, Gilles e GUATTARI, Félix. **Mil platôs - capitalismo e esquizofrenia**, vol. 1 /Tradução de Aurélio Guerra Neto e Célia Pinto Costa. 1 ed. Rio de Janeiro: Ed. 34, 2011a.
- DELEUZE, Gilles e GUATTARI, Félix. **Mil platôs - capitalismo e esquizofrenia**, vol. 2 / de Ana Lúcia de Oliveira e Lúcia Cláudia Leão. Rio de Janeiro: Ed. 34, 2011b.
- DELEUZE, Gilles e GUATTARI, Félix. **Kafka: por uma literatura menor**. Belo Horizonte: Autêntica, 2014.
- DELEUZE, Gilles e GUATTARI, Félix. **O Anti-Édipo: Capitalismo e Esquizofrenia**. Rio de Janeiro: Ed. 34, 2010.
- DELEUZE, Gilles. **Diferença e repetição**. Portugal: Relógio D'Água Editores, 2000.
- DELEUZE, Gilles. **Empirismo e subjetividade: ensaio sobre a natureza humana segundo Hume**. Trad. Luiz B. L. Orlandi. São Paulo: 2012.
- DELEUZE, Gilles. **Lógica do sentido**. Trad. Luiz Roberto Salinas Fortes. São Paulo: Perspectiva, 2011.
- DELEUZE, Gilles; PARNET, Claire. **Diálogos**. Trad. Eloisa Araújo Ribeiro. São Paulo: Escuta, 1998.
- DOSSE, François. Gilles Deleuze & Félix Guattari. **Biografia cruzada**. Trad. Fatima Murad. Porto Alegre: Armed, 2010.
- FREUD, Sigmund. **História de uma neurose infantil: ("O homem dos lobos"): além do princípio do prazer e outros textos (1917-1929)**. São Paulo: Companhia das Letras, 2010.
- GUATTARI, Félix; ROLNIK, Suely. **Micropolítica. Cartografias do desejo**. Rio de Janeiro: Vozes, 2005.
- LEEN, De Bolle (org). **Deleuze and psychoanalysis philosophical essays on Deleuze's debate with psychoanalysis**. Bélgica: Leuven University Press, 2010.
- LEOPOLDO, Rafael. **Deleuze & Guattari: crítica a psicanálise freudiana**. Dissertação de mestrado. Programa de Pós-graduação em Psicologia da Universidade Federal de Juiz de Fora, 2015.
- MACHADO, Roberto. **Deleuze, a arte e a filosofia**. 2ed. Rio de Janeiro: Zahar, 2010.

SANCHES, A. **Inconsciente e instinto de morte: um itinerário do debate inicial de Deleuze com a psicanálise.** Tese de doutorado. Programa de Pós-Graduação em Filosofia da Universidade Federal de São Carlos e École Doctorale Recherches en Psychanalyse et Psychopathologie de l'Université Paris-Diderot, 2013.

SAUVAGNARGUES, Anne. **Deleuze del animal al arte.** Buenos Aires: Amorrortu, 2006.

ZOURABICHVILI, François. **O vocabulário de Deleuze.** Trad. André Telles. Rio de Janeiro: Relume Dumara, 2004.